

Cultura no DNA

Por Guilherme Dearo

Atual diretor executivo da Unibes Cultural, entidade que ajudou a idealizar e a transformar em referência, o gestor cultural Bruno Assami completa quatro décadas de carreira dedicadas à arte brasileira

Nome: Bruno Assami

Idade: 56 anos

Profissão: gestor cultural

Cidade onde nasceu: São Paulo/SP



Foto: Juan Esteves



Unibes Cultural | foto: divulgação

O setor cultural foi um dos mais duramente afetados pela pandemia. Em março de 2020, quando a Covid-19 obrigou governadores a adotarem medidas para conter a disseminação do coronavírus, cinemas, casas de espetáculos e museus tiveram de fechar as portas, sem saber por quanto tempo ficariam sem público. A Unibes Cultural, que ocupa um prédio de quase 5 mil metros quadrados e cinco andares no número 2500 da Rua Oscar Freire, em São Paulo, não foi exceção. Funcionando desde 2015 no edifício que abrigou por mais de uma década o Centro da Cultura Judaica, a instituição atraía 200 mil visitantes anualmente, promovendo mais de 2 mil exposições, palestras e cursos presenciais. Com tudo fechado, era preciso se reinventar. E rápido.

Uma plataforma digital foi criada para oferecer mais de 400 conteúdos online, entre cursos e lives. O projeto deu certo, e a Unibes Cultural conseguiu 1 milhão de visitantes mensais em suas bases digitais, marca bastante comemorada. Após a reabertura, mais de um ano depois, a instituição manteve as atividades online em paralelo às presenciais. Um dos responsáveis pela rápida (e eficiente) resposta da entidade foi Bruno Assami, 56 anos, diretor executivo da instituição desde sua abertura e um de seus idealizadores. "A primeira preocupação foi manter a estrutura do prédio, e a segunda era manter nosso compromisso com a população. Era preciso preservar o público que tínhamos conquistado ao longo dos anos", conta.

Nas últimas quatro décadas, Assami tem sido um dos principais nomes da gestão cultural no Brasil, deixando uma marca de excelentes resultados colhidos nas principais instituições de São Paulo, como Itaú Cultural, Masp e Instituto Tomie Ohtake. "Eu me posiciono como um dirigente cultural que é reconhecido e identificado como uma pessoa de conceituação, concepção, planejamento e implementação de novos modelos. Sou chamado quando uma instituição necessita de um reposicionamento ou precisa ser vocacionada. Sempre firmo um modelo contratual independente e focado no resultado. E minha grande prerrogativa, claro, é a formação da cultura no Brasil", esclarece.

“O jovem que quer trabalhar com arte precisa saber que está ajudando a construir uma agenda simbólica. Quando você tem clareza no seu papel, você caminha com firmeza”

Projeto de salvamento

A Unibes Cultural surgiu como um braço da Unibes (União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social), instituição fundada em 1915 com o objetivo de auxiliar a comunidade judaica que vinha da Europa para o Brasil, fugindo da Primeira Guerra Mundial, e que posteriormente ampliou sua atuação para outros setores da sociedade, com projetos de educação e desenvolvimento social. Já a Unibes Cultural ganhou espaço na concorrida cena cultural paulistana ao promover atividades em torno de eixos temáticos contemporâneos como tecnologia, mídia, expressões culturais e empreendedorismo.

A história de Assami com a Unibes começou em 2014, a partir do contato com Célia Parnes, então presidente da organização. Ela chamou o gestor cultural para uma conversa sobre o futuro incerto do prédio que abrigava o Centro da Cultura Judaica. A construção projetada pelo arquiteto Roberto Loeb é icônica: erguida em um ponto nobre da capital paulista, a estrutura de concreto tem formato que lembra o Torá, livro sagrado do judaísmo. Naquele momento, devido a questões administrativas, havia a possibilidade de o prédio deixar de ser usado como espaço cultural. "Fiquei muito tomado pela situação. Era questão de cidadania não deixar que aquele prédio sofresse. Começamos a conversar sobre o tipo de destino que poderíamos dar ao espaço e amadurecemos uma visão. Surgiu a ideia de criar a Unibes Cultu-

ral", explica. O local abriu as portas ao público em agosto de 2015. Para criá-lo, o desafio era encontrar um novo rol de investidores, diferente daquele que apoiava a centenária Unibes, e evitar a dependência exclusiva de incentivos fiscais. "Era um novo player que surgia, sem iniciativa governamental por trás ou uma empresa privada ancorando. Mas tinha uma tradição de um século, bebia de um capital social", conta.

Abrir e manter um aparelho cultural é tarefa árdua no Brasil. Para Assami, o ponto mais urgente da pauta nacional está relacionado ao acesso aos bens culturais. "É evidente que a formação cultural do indivíduo é vital. Ele se tornará um ser humano melhor com cultura e vai adquirir uma visão mais aprofundada do seu pertencimento no século XXI", reflete. Para ele, o hábito cultural não pode estar atrelado somente às instituições, pois outros fatores ajudam a construir a cultura de um povo. Ele explica: "A pessoa não precisa achar que sua formação cultural existe só para ela frequentar espaços culturais. Na verdade, é o ambiente cultural que fortalece seu vínculo com a cultura. É a sociedade como um todo que forma tal identidade. Frequentar museus é uma consequência de um povo que já gosta de arte, de uma sociedade que construiu sua identidade e seus valores e quer fortalecer isso. O Brasil ainda está em um momento embrionário nesse sentido". Para Assami, o contato com a arte começou bem cedo.

Prazer em aprender

Assami nasceu em 1965, em São Paulo, em uma proeminente família de imigrantes japoneses que haviam se estabelecido no Brasil desde o começo do século XX. Os dois lados da família estavam ligados ao mundo empresarial e das artes e participavam das questões da comunidade nipo-brasileira. O avô materno era dono do jornal *Diário Nippok*, enquanto o padrinho, do lado paterno da família, era um dos fundadores do Banco América do Sul. O pai, engenheiro e economista de formação, trabalhava como alto executivo em uma multinacional americana e ajudava a trazer empreendimentos industriais para o Brasil. A mãe, grande apreciadora de arte, participava ativamente de atividades do meio artístico.

Cercado por uma família que valorizava a cultura, desde criança ele foi instigado a desbravar o mundo artístico. O avô era mecenas dos artistas do Grupo Seibi, cujo nome vinha das iniciais em japonês de "Grupo de Artistas Plásticos de São Paulo" e que, desde 1935, unia artistas imigrantes do Japão. Eram frequentes as reuniões na casa dos avós maternos de Assami, que cresceu ouvindo as histórias de figuras impor-

tantes como a artista plástica Tomie Ohtake e os pintores Manabu Mabe e Tomoo Harada. "Não era um evento especial para mim, era uma programação normal", lembra. "Não somos de uma cultura de celebridade. Para mim, eram pessoas normais. Mas era um ambiente de pensadores, repleto de pessoas interessantes, e havia laços afetivos."

Para ele, duas características familiares moldaram seu modo de enxergar o mundo. A primeira é que ambos os lados da família eram de imigrantes que tinham vindo para o Brasil com o intuito de se fixar por aqui, diferentemente de japoneses que vinham para enriquecer e voltar para a terra natal. "Por isso, eles eram muito receptivos à cultura brasileira, se interessavam pelo que acontecia ao redor", completa. A segunda característica diz respeito à valorização do conhecimento como hábito diário. "Eles tinham prazer em conhecer o mundo, em aprender. A curiosidade era essencial. Isso está muito forte no DNA das famílias. Em casa, tinha que gostar tanto de matemática quanto de língua portuguesa. Apatia e conformidade nunca foram toleradas", conta.

"A minha agenda é a do interesse público, e isso é um privilégio"



Bruno com pai (em memória), mãe e marido | foto: arquivo pessoal



Monumento em homenagem aos 80 anos da imigração japonesa, em São Paulo | foto: Carlos Alkmin

Carreira precoce

Por causa dessa combinação de acesso a bens culturais com os valores familiares que prezavam o desenvolvimento intelectual, trabalhar com arte foi um caminho natural para o jovem Assami. "Foi sem muito planejamento. O ingresso nesse mundo foi facilitado, e o reconhecimento foi rápido, então transformar isso em um projeto de carreira foi algo automático", explica. Aos 16 anos, Assami foi convidado por Pietro Maria Bardi, imigrante italiano que ajudou a fundar o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), para trabalhar no museu, organizando exposições. "Tive o privilégio de começar a corrida muito cedo e com vantagem. O ambiente de colecionismo das artes já era muito presente na família", diz.

A oportunidade precoce no Masp e o convívio com artistas de vanguarda traçaram o trajeto para o estudante. "O Grupo Seibi foi a minha iniciação estética. Também me interessei pelo impressionismo como processo de ruptura. Sempre acabei me pautando pelas rupturas. Gosto dos movimentos que rompem com o *status quo* da arte", afirma. "Arte, para mim, só interessa no contexto da inovação e da criatividade." Os cineastas italiano e japonês também influenciaram Assami, principalmente os cineastas japoneses anteriores a Akira Kurosawa (1910-1998), como o diretor e roteirista Kenji Mizoguchi (1898-1956). "Minha avó materna gostava muito de cinema, e eu sempre ia com ela. Éramos convidados para as noites de lançamento de filmes japoneses que chegavam a São Paulo", recorda.

Após a experiência no Masp, que conciliou com a formação em comunicação social seguida de pós-graduação em admi-

nistração, Assami trabalhou em instituições como Unicamp e Associação Brasileira dos Designers Gráficos. Logo depois, começou a construir seu nome de gestor cultural em São Paulo. Entre 1996 e 2002, ajudou o Itaú Cultural em seu processo de reposicionamento frente ao público e aos investidores. Em seguida, de 2002 a 2011, contribuiu para a criação do Instituto Tomie Ohtake, Assami, claro, já tinha uma relação próxima com Tomie e Ricardo Ohtake. "Lá, encontrei uma organização independente, uma *outsider* do sistema tradicional de financiamento. Ela precisava criar um papel de relevância para além do nome de Tomie Ohtake. E conseguimos atingir esse objetivo", explica. Nesse período, dividia o trabalho no instituto com as salas de aula, como professor universitário. E retornou ao Masp por um breve período como superintendente, entre 2011 e 2012, quando o museu carecia de um reposicionamento e enfrentava desafios financeiros.

Hoje, Assami está em uma fase conclusiva na Unibes Cultural. "O objetivo traçado inicialmente está próximo de ser cumprido. É um sentimento de gratificação inenarrável. A população de São Paulo adora aquele espaço, e o colocou definitivamente na sua agenda", diz. Ele não vê problemas em elencar suas conquistas profissionais, mas é avesso a vaidades e culto à personalidade. "Minha visão é que a organização cultural precisa ser forte. Ela não pode se prender a uma personalidade, a um único gestor, por décadas. No Museu do Louvre, por exemplo, as transições envolvem um processo de três anos que integra o atual e o futuro gestor. Isso é de grande requinte organizacional. Há um compromisso máximo com a preservação da instituição", analisa.

Agenda plural

Museus e instituições culturais não são os únicos interesses e campos de atuação de Bruno Assami. Há cinco anos é conselheiro do Instituto Adus, em São Paulo, que promove a integração socioeconômica e cultural de imigrantes e refugiados. Ele também é conselheiro do Consulado Geral de Portugal em São Paulo desde 2013 e cuida da criação da Arena Cultural do Hospital do Câncer de Barretos. A pauta que envolve envelhecimento e longevidade também ocupa lugar em sua agenda. Desde 2018, ele é conselheiro do Aging 2.0, rede global que conecta líderes com projetos em inovação e terceira idade, e é membro do conselho do Centro Internacional da Longevidade no Brasil.

A pauta da longevidade surgiu com urgência há sete anos, quando uma pesquisa sobre o tema chamou sua atenção. Ler pesquisas, sobre qualquer tema, é um hobby do gestor. "Se me der uma pesquisa na mão, vou ler. Sou um ser curioso por conhecer pessoas, e elas sempre trazem uma reflexão a respeito

do comportamento humano", diz. Em uma delas, cruzou com dados interessantes sobre envelhecimento e, desde então, vem inserindo a questão em seus trabalhos. "A pesquisa mostrava como a maioria das pessoas com mais de 60 anos no Brasil ainda era a principal fonte de sustento para a família e gerava renda para diferentes gerações. Estamos falando de um desafio social no futuro, já que, demograficamente, seremos um país mais velho. Então precisamos criar um campo de valores e reconhecimentos que enalteça esses indivíduos. Que tipo de envelhecimento nós queremos apresentar como valor para a sociedade?" Na Unibes Cultural, há linhas de trabalho específicas para a terceira idade, do mesmo modo que museus trazem conteúdos e atividades pensadas para as crianças. "Cultura é um dos pilares para envelhecer bem. Cultura é pertencimento. Indivíduos com mais de 60 anos não podem ter sua identidade excluída da sociedade", afirma.

"A pesquisa mostrava como a maioria das pessoas com mais de 60 anos no Brasil ainda era a principal fonte de sustento para a família e gerava renda para diferentes gerações. Estamos falando de um desafio social no futuro, já que, demograficamente, seremos um país mais velho"



Theatro Municipal de São Paulo em programação do evento Experimenta Portugal, em 2017 | foto: divulgação

Dever cumprido

Com 40 anos de trabalho dedicados à cultura brasileira, Assami ainda está longe de pendurar as chuteiras, mas já tem um projeto desenhado para desfrutar de sua aposentadoria. Ele é casado há 12 anos com o suíço Matthias Meier, que conheceu no Brasil quando este veio ao país como diretor de uma escola suíça e para ajudar na implementação de projetos de grupos educacionais. As viagens eram mais frequentes antes da pandemia, mas o casal ainda mantém uma agenda anual dividida entre Brasil e Europa. "Matthias e eu temos o projeto de, no futuro próximo, nos desligar da vida corporativa e passar alguns anos vivendo em alguns países antes de uma aposentadoria oficial. Vamos aproveitar esses anos em que teremos saúde e uma situação econômica privilegiada para viajar pelo mundo até escolhermos finalmente o país onde queremos envelhecer. Sonhamos em viver novas culturas. Vamos começar com países mais desafiadores, do Sudeste Asiático", revela Assami. O casal decidiu não ter filhos. "Deixamos em testamento que uma parte de nossos bens será destinada a algumas organizações internacionais. É um compromisso até o final da nossa vida com a busca pelo bem comum. São nossos valores e é coerente com a nossa existência. Isso nos faz sentir parte de um todo."

Enquanto a aposentadoria não chega, Assami segue na Unibes Cultural. "Dos 15 macrodesafios que estabeleci no início da minha gestão, faltam três a serem cumpridos", diz. Mesmo que haja muito trabalho pela frente, é possível olhar para trás com orgulho, sem cometer o pecado da vaidade. "Tem sido uma jornada de muito prazer. Apesar de ter trabalhado na iniciativa privada do terceiro setor, meu objetivo sempre foi obter resultados de interesse público. Estou feliz com minha independência. Sem relações partidárias e políticas, sem relação com um grupo empresarial com interesses específicos. A minha agenda é a do interesse público, e isso é um privilégio", reflete.

Ele também está feliz com a evolução do setor cultural no Brasil nas últimas décadas. "Lá atrás, em 1982, eu estava entrando para um setor sem estrutura e sem grandes equipamentos culturais, e um campo de trabalho para poucos. Eu me sinto realizado porque hoje temos um ecossistema artístico muito maior que há 40 anos", afirma. Aos profissionais que querem trilhar o caminho da cultura, Assami pede ousadia e consciência. "O jovem que quer trabalhar com arte precisa saber que está ajudando a construir uma agenda simbólica. Quando você tem clareza no seu papel, você caminha com firmeza."

Que dica daria ao jovem Bruno?

"O Brasil necessita urgentemente de uma agenda de inovação. Portanto, trabalhe com ousadia"